



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS Ano XIV - N.º 349 - Preço 1\$00  
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Guaiato - Paço de Sousa 27 DE JULHO DE 1957

# CALVÁRIO

Eu tomo a palavra do Prelado e digo aqui, falando em cristão, que a morte do Justo, se chama Triunfo.

16 de Julho de 1956 — Pai Américo triunfou: passou da vida à Vida por sobre um abismo que se chama morte; respondeu presente à chamada de Cristo: «vinde benditos de

pela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos: — pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados». O que Pai Américo diz a respeito dos rapazes é verdade a respeito dos doentes.

vário. Uma fotografia que aí vai os mostra junto ao altar do Sacrifício.

Na «Casa Esperança» fica o casal. Senhor Albino é o incurável. Ti Adosinda, uma velhita adorável, válida ainda apesar de bem doente e, sobretudo muito, muito alegre. Como a Obra é de doentes, para doentes, pelos doentes, há-de ser ela a fazer o caldo para a pequena comunidade. Viviam no Barredo, não longe da Sé, quarto de cem escudos por mês. Ela ia ao papel. Ele, de alfaiate que foi, há muito que não pode trabalhar. A renda e o pão de cada dia era uma aventura que Deus sempre resolveu pela caridade que põe no coração dos homens. Agora a aventura não mais voltará a ser.

Na «Casa Graças a Deus», a primeira do Calvário, ficam o Semanel, o Senhor António e o Alfredo. Este é um rapaz ainda novo. Era fundidor. Depois veio a doença óssea. O corpo foi perdendo a forma. Estava na Casa dos Pobres em Santo Ovídio, sob promessa de passar para o Calvário logo que este abrisse. Eil-no no que é seu.

O Semanel é de Pereiró. Anda pelos sessenta. Tem paralisia, mas dá uns passos entre duas bengalas. Parece o mais doente. Os outros dois combinaram fazer-lhe a cama cui-



Os primeiros habitantes do Calvário: Alberto, Snr. Albino, Ti Adosinda, Snr. Manuel e Snr. António.

meu Pai...», porque «quanto fizestes ao mais pequenino dos irmãos, foi a Mim.»

Não podia ser de toada fúnebre a comemoração de tal data. Desde a primeira hora o desejo de todos foi que ela fosse uma afirmação de vida, justamente a colheita do primeiro fruto da última semente que Pai Américo — ele mesmo semente nossa! — nos deixou.

O Calvário abriu. Começa uma etapa nova do nosso calvário, mas o Espírito Santo há-de guiar nossos passos, como guiou os dele, no caminho duma Obra que Deus sugeriu e que mostra querer.

As obras estão longe do seu termo. Porém, duas casitas ficaram prontas e em acabamento o hospital — Casa-Mãe da pequenina aldeia de incuráveis.

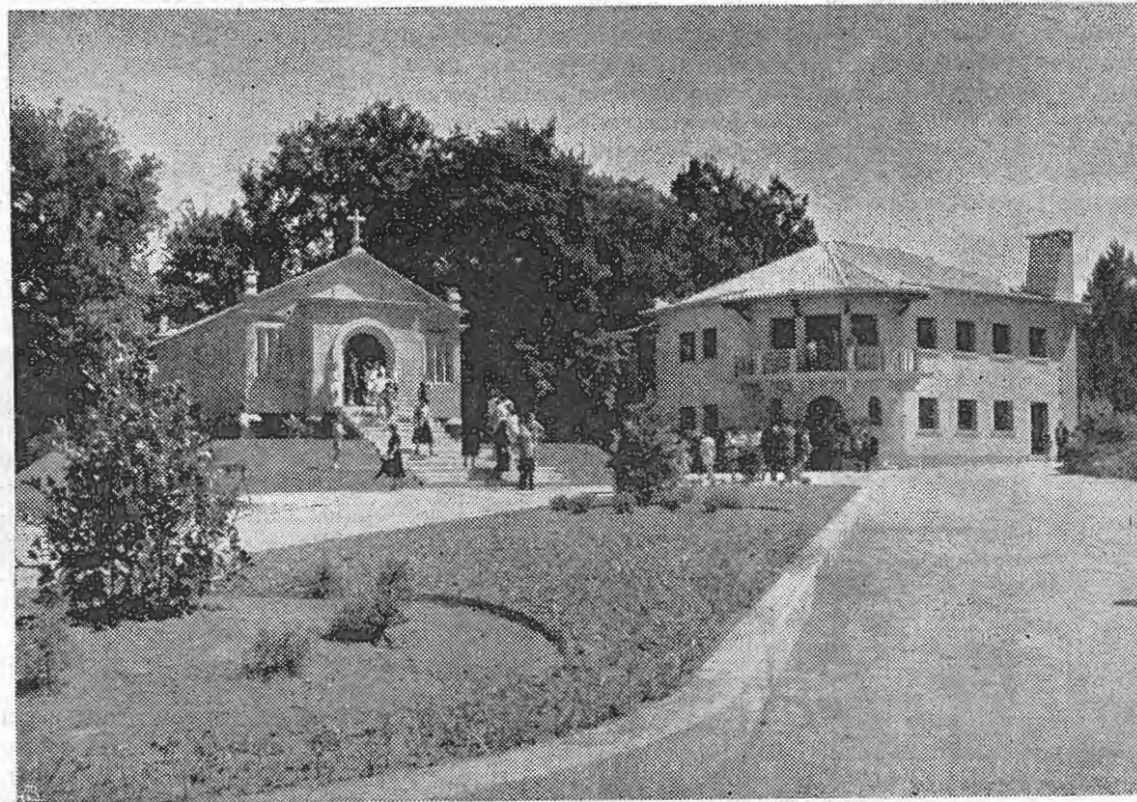
O acto central foi a bênção da capela, o antigo espigueiro.

«A casa do pão deu lugar à Casa do Pão Vivo descido dos Céus para alimento das almas.»

A capela é o coração das nossas comunidades. «A vida religiosa seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos nossos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa ca-

Por isso que sem coração não há vida, nós não quisemos que o Calvário abrisse sem a sua capela. A bênção e a Santa Missa foram o acto central daquele dia.

O acto, digo, porque os protagonistas esses foram os cinco primeiros habitantes do Cal-



Para o Calvário entra-se por aqui.



«A inocência é sempre fruto da Cruz.»

dando que ele não podia. Mas a primeira manhã, quando se levantaram, foram dar com ele em pé e quarto arrumado. O Snr. António regula os mesmos anos. É doente do coração e mexe-se com dificuldade. Morava por esmola numa cortelha aberta em uma bouça nas Guardadeiras da Maia. Não tem ninguém, a não ser a pobre família que lhe dava abrigo e o caldo, que também de outros

recebia por esmola. Com tal recomendação quem podia resistir?

A «Casa Graça de Deus» tem cinco quartos. Mais dois ocupantes estavam marcados. Um verificou-se à última hora não estar nas condições requeridas. O outro chamou-o Deus em vésperas de nós o chamamos. Deus o tenha na eterna glória e no-lo dê como intercessor.

## Boas Notícias

Tal como o ano passado, depois do 16 de Julho, que é dia Natal para a Obra da Rua, sentimos em torno de nós um reforçar de simpatia.

Quantas lembranças piedosas por esse país além!... Muitas e muitas terras aonde a

missa foi concorrida como nos domingos. Párocos, Pobres, Vicentinos, instituições, admiradores, amigos íntimos — de todas estas classes houve quem tomasse a iniciativa. Eu só aqui nomeio uma em especial. Foi em Paços de Ferreira. O Jaime e o Ventura, dois irmãos que foram nossos durante vários anos e agora ali trabalham, mandaram celebrar a missa de sufrágio a que a vila assistiu.

Aqui apareceram muitos rapazes que já andam por fora. Até o Xico, irmão do Rui Tesoro e do Maximiano, maila sua mulher. Muitas cartas e bilhetes com palavras cheias de espírito. De algumas, eu dou aqui o tom de quase todas:

«Não podia deixar de estar convosco neste dia glorioso, sim, mas tão triste para os terrenos como eu.»

«Não rezo por Ele, rezo a Ele que intercederá por nós junto a Deus.»

«Faz um ano que partiu o nosso querido Pai Américo. Tenho aqui, na minha mesa de trabalho, dois retratos d'Ele com o meu filho mais velho. Ele portanto me está ven-

Cont. na página Três

# Cristo ficou no Calvário

Estamos em dezasseis de Julho, 1.º aniversário do dia em que Pai Américo partiu para uma viagem sem fim. Mudou de estado. Foi para lugar onde se não vê mas se sente. Sim. Falta-nos a presença física, mas a espiritual exerce maior influência sobre nós, seus filhos.

Este dia não é para nós de tristezas e aflições como o pensam muitas centenas de pessoas, mas de alegria. Alegria forte pela pedra do mesmo quilate que fortalece e segura os alicerces da Obra da Rua.

O dia é sim de festa e alegria, de cântico e de vitória, pois a morte é o princípio da Vida. Não se entra nesta sem ter passado por aquela.

São oito da manhã. Estamos todos reunidos na capela da nossa Aldeia. Sr. Padre Baptista sobe ao altar e vamos participar no Santo Sacrifício da Missa.

Querido Pai Américo, estamos contigo. Nunca estivemos tão juntinhos. Estás no Céu, mas a capela também é um bocadinho dele. O Jesus que aí vê também aqui está sob a forma de Pão. Contento por ter entrado em nós.

Aqui está o Aranha, o Manecas, o Coelhoinho, Adriano, Eunice, todos, pequenos, grandes e médios para agradecer ao Todo Poderoso que nos cumulou de bens ao longo deste ano cheio de lutas. Não faltaram as contrariedades, incompreensões e o sofrimento, que é o cunho deste Hino de Amor que são as Casas do Gaiato.

São dez e meia. Toda a família e muitas pessoas de fora estão na Casa do Gaiato de Beire. Estão connosco umas senhoras brasileiras que não se cansam de admirar os dormitórios com janelas rasgadas de luz, camas com colchas feitas à base de retalhos que lhe dão uma grande alegria e nos convidam a repousar. Este edifício está ligado à cozinha por uma varanda à lavrador antigo, que Pai Américo muito apreciava. Ao lado do edifício onde vão ser instaladas as oficinas. Por baixo, as adegas com lagares. Em baixo, a Casa de Lavoura, com vacaria, quartos de sementes e a casa da eira. A dominar esta zona está a capela inaugurada há um ano, a última de Pai Américo. Neste ambiente vão passar a viver muitos rapazes anormais que ainda irão ser úteis.

Andamos mais para cima. Muitas pessoas, sem se ter anunciado, apareceram para ver o princípio deste Obra, a última que o Gigante pensou e idealizou. Já aqui está muito trabalho, muitos sacrifícios, já foram recebidas as primeiras graças. Mas há muito mais a fazer. Para isso é preciso que Portugal se encaminhe para aqui, onde sentimos Deus mais perto pela presença do irmão incurável que suporta o peso da grande cruz que os bevará, e nós ajudará também, a entrar nos Domínios Celestes. Venham os Cireneus. Muitos e muitos deles. Tantas quantos a Obra precisar.

A Obra já começa a dar uma indicação da sua grandiosidade. Já estão duas casas do Calvário feitas que começaram a dar vida aos doentes. No meio

destas está o Hospital, ainda por concluir, de linhas harmónicas, com grande beleza. Ao lado está a capela que daqui a momentos vai ser inaugurada. É a mais linda do mundo. É um espigreiro autêntico. Em cada pedra, em cada telha, em cada vidro, tudo respira Amor, poesia, cheira a algo de sobrenatural que neste momento não somos capazes de descrever. Como nos sentimos bem e vemos na realidade as coisas! Que grande pequenez a nossa! Está segura por uns pilares. Aqui tem relva e vai ter flores. Estas sairão de baixo dando um aspecto grandioso. Por dentro a coisa mais simples deste mundo. Cheia de friestas cunhadas a vidros e na parte superior os barrotes estão nus. O altar, que se resume numa pedra só, pedra majestosa, dá-nos grande alegria e confiança para o futuro. Dali é que vai emanar um mundo de coisas lindas e belas que hão de dar, ser o tónico para esta Obra que nasceu com o pensamento no presé-

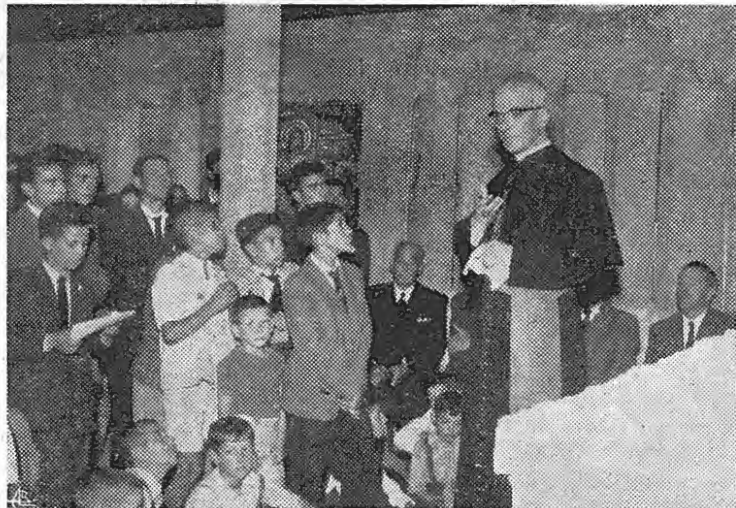
a tomar o Alimento da Vida Forte.

A primeira missa é celebrada pelo Sr. P.e Carlos, nosso irmão mais velho. Esta recorda, faz reviver, e nós damos os passos em autêntico Calvário, como outrora o Mestre na grande via do Gétsemáni.

Ao Evangelho o Sr. D. António falou para nós. Pegou na chave e abriu nossos corações de gaiatos e fez com que não mais esquecemos esta jornada gloriosa que ficará gravada no ecran da nossa imaginação. Perdurará pelos tempos além o dia em que o espigreiro do pão do corpo passou a ser do Pão da Alma.

A esta inauguração, vieram figuras de muito realce da vida portuguesa: Senhores Doutores Melo e Castro, Braga da Cruz e Elísio Pimenta que já fazem também parte da nossa Família. Só faltam cá vir passar o Natal!

Por fim foram benzidas as primeiras casas do Calvário e en-



Os rapazes escutam a palavra paternal do Senhor Bispo.

pio de Belém e que avançará ao toque do Clarim!

A condizer com esta beleza, estão os graciosos carreiros, flores que começam a desabrochar e por fundo pinheiros e carvalhos.

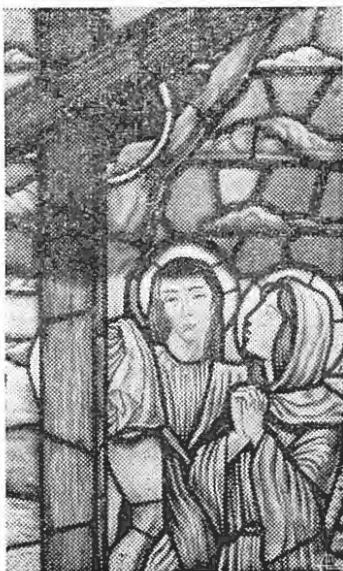
Ao meio dia chegou o Senhor D. António Ferreira Gomes, para benzer a nova capela. Entra a enorme família dos gaiatos na capela a cantar. Seguem-se as cerimónias, realizadas em tom humilde mas de grande significado.

Jesus passa a viver aqui. Prisioneiro e vítima imolada. Sempre atento às suas ovelhas. A espera. A convidar os que passam

tregues aos seus «proprietários», que em seguida almoçaram nas mesmas. A primeira sopa foi servida pelo Senhor Bispo e as outras pelos Amigos, que não escondiam a sua alegria!

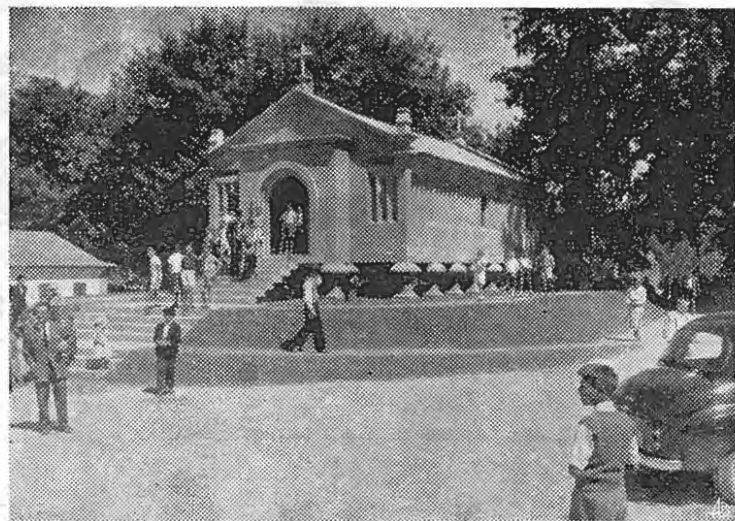
Por tudo, inclusivé pelas minhas notas mal dadas, mas de boa vontade, demos graças a Deus.

No fim de tudo todos nos regalamos a comer um valente prato de bacalhau com batatas e cebola e tronchuda. A cozinha foi no caminho. O refeitório no meio da mata. Também participaram da nossa alegria e fizeram um esforço para comerem um



— Vitrais da capela —

Pela morte d'Ele na cruz... à Vida Eterna com Cristo ressuscitado.



— Capela de Nossa Senhora do Carmo —  
O velho espigreiro deu lugar à Casa do Pão Vivo.

prato em forma os seminaristas, Rui, Santos — o maestro de «Os Melhores» que se houveram à altura, Sr. Padre Acílio, Sr. Padre Manuel António, Sr. Padre Alberto. Este desta vez não trouxe as botas que nos faziam

rir!... Mas, ajeitamos as coisas da melhor maneira e ficamos animados na mesma!

Pai Américo, lá de Cima muito havia de ter gostado disto. E ele que tanto gostava!

Daniel Borges da Silva

## POBRES

O que aqui se disse da Senhora Ana de Jesus e da «Mãe do irrecuperável» não ficou sem resposta. Dois dias após a saída do jornal começaram as cartas a chegar e é raro o correio que não nos traz notícias para elas. Agora a sugestão que ali se fazia a respeito da primeira, essa é que não foi ouvida. Ela não tem tido a visita de leitores do «Famoso», seus vizinhos, mas temos sido nós somente, os recoveiros dos recados, que em maioria notável são de Lisboa. Querem ver que o Porto quer deixar-se bater em caridade pela capital?!

Ora por causa do espaço, que cada vez aperta mais connosco, eu não ponho em desfile esta piedosa «procição». Deixo de lado aquela que deve à Obra da Rua os meus melhores momentos de consolação espiritual, e agora, a percepção do fim desta vida que Deus me deu!, mas não resisto à transcrição desta carta tão simples, tão familiar, dirigida à própria Senhora Ana de Jesus.

«Senhora Ana, desejo as suas melhoras, envio-lhe essa ofertazinha peça a Deus por as minhas necessidades e de meu marido, somos uns doentes e a saúde de minha filha, genro e netos e creada (muito antiga).

De Uma Avó.

x x x

Também o caso daquele sacerdote que hoje não pode o que em seminarista fazia facilmente» falou em «Dama Pobreza», não passou despercebido. Tem vindo alguns a liquidar a sua assinatura e até um colega, ora no Caramulo, manda bastante mais para que não passe mal.

Mais «uma irmã de um sacerdote»:

«Sei muito bem o que é um padre ser pobre. Estou com o meu irmão nesta terra e quando para aqui viemos, passamos fome e necessidades e muita

coisa. Mas graças a Deus por tudo. E queira Deus que todos fossem pobres; pois um padre rico, é o pior que lhe pode acontecer.

Aí lhe mando esses 20\$00 para ajudar a pagar o Gaiato desse Padre, que eu não conheço, mas que o amo com um amor de irmã. Rezei por ele como pelo meu irmão. Que Jesus o ajude muito. É pouco o que mando, mas quem sabe se não seria gasto nalguma vaidadezinha, e assim é dado com alegria. Pois sei que ele vai ficar contente quando souber que o Gaiato está pago. E assim fico compensada duas vezes. A alegria de ter dado e a alegria do contentamento desse sacerdote.

Se o mundo quer paz, aqui tem a receita: Ame. E saiba que não há alegria verdadeira se não for dobrada: «A alegria do ter dado e a alegria do contentamento» daquele a quem se dá.

○ 4.000.º

A velha Opel, quase na meta dos 70.000 corridos esforçadamente, pedia reforma. Falou-se na troca. Que sim senhor. E assim: Ao completar dez anos de agente daquela marca seria atingido o quarto milhar de carros dela. O 4.000.º seria nosso. Novo por velho e mais nada. Ora ele há marcas que se rotulam «a mais vendida». É um índice de prosperidade comercial. Só por si não quer dizer mais nada.

Porém, quem vir Padre Baptista deslizando entre Lisboa e Setúbal numa furgoneta Opel, muito branquinha, muito linda, saiba que ainda há homens de coragem em Portugal.

## Do que nós necessitamos

Fatos de banho.—Ao prepararmos para a avançada sobre Azurara, os ditos são palavra da ordem do dia. Têm vindo alguns, Poucos, mas quase todos muito bons. Ainda estes dias últimos dois de Coimbra, da mesma procedência, «para um Zé» e «para um Manel». Esperamos que se fossem António ou João os usufrutuários a nossa doadora não se zangaria por tal...

Primeiro domingo de Julho, é certo e sabido que eles aí estão. Isto desde há anos com uma regularidade sem mancha. Eles—são o pessoal da Fábrica de Tabacos «A Portuense» que «tem a honra de enviar a V. o produto dos mealheiros existentes nas suas secções fabris referentes ao 2.º semestre de 1957, a saber:

Oficina Soares Ribeiro...	900\$00
» Afonso Cunha ...	750\$00
» Cruz Magalhães	522\$50
» de Magalhães...	445\$50
» de Pique .....	112\$00

SOMA... 2.730\$00

E a procissão continua e até ao dia 31 de Dezembro no Lar do Porto se Deus quiser, A bem da Obra da Rua. E assina um deles, Isto misturado com lágrimas de saudade e alegria.

Que força, que confiança, que misteriosos segredos de paz não trazem estas mulheres e homens bons, de mãos calejadas e lágrimas na face! «A bem da Obra da Rua», terminam eles. Quem dera que todas as terminações semelhantes tivessem igual conteúdo de sinceridade! O mundo era de certeza bem melhor!

Mais gente de trabalho: Pessoal da Mobil Oil do Porto, 58\$50; ferragens numa casa das ditas em Bonjardim. Mais dois restos de almoços de confraternização dos Ferrovários do Estado, no Bom Jesus 50\$00 e 111\$50 de ultramarinos reunidos no Palácio de Cristal, E 50\$00 do grupo excursionista «Os Garrafas da Corticeira» com este testemunho de presença:

«Porque pertencemos a uma camada social que melhor do que qualquer outra pode avaliar toda a grandeza da Obra do saudoso Pai Américo é que vimos aqui em romagem muito respeitosa e deixar o nosso óbulo que não sendo avultado procura, apenas, ser um entre tantos outros que fazem com que esta santa Obra se imponha e dê magníficos frutos».

Não há domingo que não seja aí uma romaria de grupos e grupos como este. Nenhum parte sem deixar suas migalhas. Ainda ontem foi um do Barredo. Esperamos um nadinha por eles para a Santa Missa e no fim foi um ofertório de moedas pequeninas, que o sacrifício e o amor dos oferentes fertilizam desmedidamente. Os 20\$00 mensais da Ana Maria, de Braga. Uns chapéus de palha todos «tirões» prós Batatas, da Alfaiataria Infantil, e roupas de «uma Mãe amargurada».

Muitas intenções de Missa, que vão sendo cumpridas vagorosamente. Eu torno aqui a pedir aos senhores que não mandem delas, pois nos obrigam depois a procurar quem no-las tome, por falta de tempo para tantas.

Prá viúva dos 8 filhos 50\$, do Porto e 200\$ prós pobres do Barredo, «percentagem de uma percentagem». Escolas primárias: Cantanhede, Valado de Santa Quitéria e Espinho. São pequenos mealheiros de gente pequenina, mas desde já formada no amor efectivo do irmão que sofre. Feliz da Pátria, se cada professor, desde o primário ao fim da escala, se lembrasse que a sua missão não é só informar, mas sobretudo formar, inteligência e vontade, as duas faculdades que fazem o homem!

Lourenço Marques 150, mais 100\$. Outro tanto de António Enes. Mais 1.520\$ em lotaria, da Beira. E 415\$ do Porto. Duma promessa e um anel de Estoi—Algarve. E 200\$ duma paróquia de S. Pedro de Alva, «o primeiro lugar santo da Obra da Rua». É o pároco quem diz.

Pelo «Comércio do Porto» 48\$, Izedá, 100\$, 120\$ da Natália; Portalegre, 20\$, Coimbra 100\$, da M. L.; O mesmo da Tr. da Portuguesa; e metade de Rio Tinto.

O capelão de Santa Anastácia, na Foz do Douro é incansável. De peditórios na sua capela, 400\$, dois mil que lhe entregou o grupo «Andorinhas da Foz do Douro»; e outro tanto que o doador destinou em princípio a uma estátua em S. Martinho do Campo de

Valongo, aonde o desastre, a qual não será, mas simplesmente umas «almi-nhas».

De «uma que ama a vossa Obra»: «Todos os anos quando partia para férias, levava ao meu querido Pai uma lembrança... Fazem hoje alguns meses que ele partiu. Como se fosse a ele, envio-vos 100\$ para o mais pobre dos vossos pobres».

De Mora «quatro pequeninos» marcam presença no aniversário da morte de Pai Américo. Vinte de «uma pecadora»; 50\$ da «Mãe que crê em Deus». Dez vezes mais e o pedido de uma oração «para que Deus me dê forças de suportar a minha tão pesada cruz de viúva com 4 filhos»; e cem de uma esposa que manda «o primeiro duns dinheirinhos há muito ansiosamente esperados».



Senhor Bispo serve a primeira malga de caldo no Calvário.



## TRIBUNA DE COIMBRA

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra na sua visita a Miranda do Corvo quis mimoser a nossa casa com uma pequenina sessão em que foi vinculada a figura de Pai Américo, o apaixonado de Deus pelos Pobres. Os organizadores andaram a receber o óbulo de cada um e depositaram na nossa capa.

O nosso «Sardinha» que agradeceu, disse da mágoa dos gaiatos por verem a sua casa tão pouco visitada, pois sendo Coimbra a mãe da Obra da Rua, parece se esqueceu um pouco da filha. E enquanto outras casas mais novas se enchem de visitantes, esta poucas vezes os recebe.

Eu dou razão ao rapaz. Fa-

## Boas Notícias

Cont. da página UM

do e acompanhando do Alto nesta transmissão de emoções e de orações. Estou a ouvi-lo na primeira longa conversa que tivemos, há muitos anos já. Falamos, falamos e ao fim Ele pôs-me paternalmente a mão no ombro e disse: «Sabe meu amigo, somos ambos loucos.» E nunca ninguém me fez elogio que eu tanto apreciava. Em outras ocasiões, dizia-me: «Hoje trago muita coisa para o seu coração. Ora venha cá chorar comigo.» Aqui tem. Aqui estou junto de vós neste dia e nesta hora plena de saudades e de graças—com um abraço de muita amizade.»

Em Beire apareceram muitos amigos, alguns vindos de tão longe e com tamanho sacrifício!

E que dizer do ambiente de família que ali se viveu na festa, tão singela, de inauguração do Calvário?! A família da Obra presidida pelo seu Bispo, estava como os avós, filhos e netos em volta da lareira nos dias de reunião familiar. Que bom!

Quem sabe agradecer, Senhor?! Quem poderá merecer a abundância das Tuas Graças?!

la do coração e pela boca de todos. Há muitos conimbricenses que nos desconhecem. A maior parte ainda não atinou com o nosso berço. E na Estrada Nacional de Miranda à Lousã as placas são bem visíveis.

Vemos tantas vezes nos jornais visitas de estudo que se fazem a estabelecimentos de assistência e perguntamos o que é que praticamente vão aprender? Tênicamente, sim. Aprender a evolução dia a dia da criança? Não acredito.

Alguém de fora, quando ele estava a falar, disse-me que o nosso jornal fala pouco desta casa. Ora o nosso jornal não se destina a fazer propaganda, mas a pregar doutrina. A propaganda devem fazê-la os nossos amigos que já nos conhecem, para que todos nos venham conhecer.

E passemos ao que nos entregaram nos últimos três meses:

De Coimbra:—Vinte em carta, cem levados ao Lar, 600\$ para a Obra, Calvário e Património em homenagem ao Pai Américo, cem deixados no Castelo, cinquenta no aniversário, o mesmo de renúncias numa praia. Ai se houvessem mais renúncias nas praias, como Deus era mais amado e os Pobres menos pobres! Cem a um vendedor para duas telhas, metade a outro vendedor, roupas e calçado e quinhentos de quem ama muito os nossos estudantes, quarenta no Lar, cem da senhora de sempre, vinte de boas notas, 110\$ para o Património, mil em Santa Cruz por alma do marido e melhoras da oferente, mais quinhentos em Santa Cruz, um frigorífico em muito bom estado acompanhado de um envelope de quem sente imensa alegria em dar. É sempre mais feliz quem dá, que quem recebe. Duzentos por alma duma filha; 470\$ dum pai que diz não merecer a Deus os filhos bons que lhe deu. Talvez por sua humildade! 400\$ das amigas Maria Helena e Maria Isabel, vinte por alma da mãe, um corte de fazenda para mim de Santa Clara, azeite da «mãe do Zé António», duzentos

de «uma conimbricense». Quinhentos, além de uma elevada quantia para o Património, cem e assinatura paga, muitas assinaturas pagas no Castelo, cem no Lar, cem na minha mão, na Câmara vinte a desejar as melhoras.

De visitantes:—Cem da Lousã, mais 60\$, um colar de ouro que duas senhoras e uma criança me vieram entregar, cem dum senhor que passou, mais 120\$. As alunas do Liceu de Aveiro deixaram as suas migalhinhas que somaram 477\$, 500 cruzeiros e mais 50 escudos de uma brasileira, mais 10, mais 75, mais 24\$, mais 150\$ de excursões da Figueira, 100\$ de Vila Nova, mais 120\$, mais 100\$, mais 15 mais 10.

De Serpa setenta, mais cem, mais cem.

De Miranda dois sacos de batata do Grémio, três sacos de batata dum particular e dez alqueires de milho de outro.

Dez em Mira; 40\$ de Loriga; 50\$ do Buçaco; cem à porta do cinema da Lousã; trezentos dum primeiro ordenado da Lousã. Que grande alegria eu vi no filho e nos pais!

Bendiguemos todos o Senhor!

Padre Horácio

ACABA DE SAIR O LIVRO

«DOUTRINA»

Pedidos à Editorial

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

## SETUBAL

Ninguém faz a mínima ideia dos graves prejuízos que os pardais causam em nossa casa. Se não os guardamos, vai-se o arroz, desconserta-se o telhado. Se lhes declaramos guerra, ficam os rapazes sem garganta e as janelas sem vidros por via das figas.

No tempo da sementeira do arroz, brigadas de rapazes tocam latas, rebentam bombas e gritam aos pardais o dia todo. Como são alturas de Páscoa, resolvo ensaiar a semana santa. Com esse fim, reuno os rapazes numa sala. Dou o tom mas ninguém o toma. Suponho tratar-se de greve geral e inquirio a causa. Qual greve! Estão todos roucos. «É dos pardais»—rouqueijam eles. Por isso a semana santa foi somente rezada.

Dias depois, todos à mesa a jantar. Falta um, é o Escaravêlo, o caçador afamado. Não se sabe o paradeiro. Devia estar, mas falta. Nisto, entra ele, porta dentro, lata na mão. Vinha dos pardais.

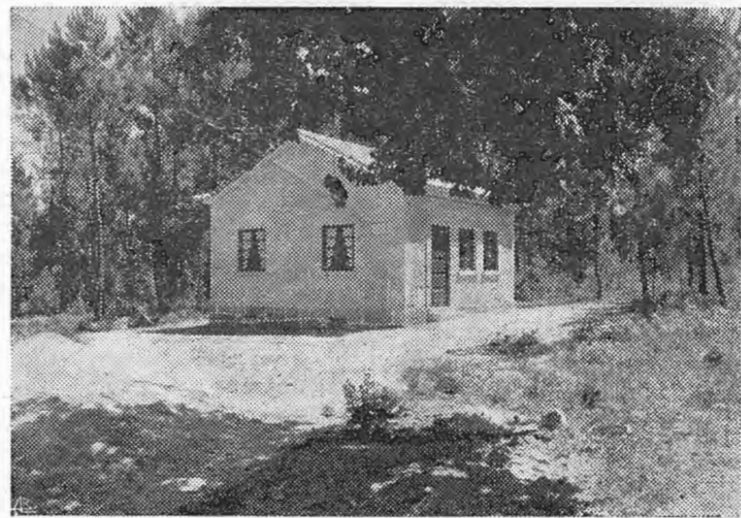
Quando sonham com eles, não há regulamento, não há horas de refeição. Primeiro os pardais.

Ainda aos pardais andou outro dia o Francês. Eu disse que ele é bem comportado e confiro. Cumpridor e cumpre. Mas desta feita tentou-se e foi aos pardais. Ouve-os cantar, trepa ao telhado, destapa-o e mete-se por dentro. Andou por lá tempo indefinido. Os mais aguardam ansiosos a hora da patuseada e escutam o rumor dos passos no teto da casa. É um magote deles de baixo do telheiro da capela. Nisto rompe-se o teto e surge o Francês escarranchado, a bambolear as pernas dependurado nos barrotes. Há gritos, sangue e gargalhadas com o desfecho da caçada.

Por causa dos pardais esquece-se a idade, perde-se a linhatura. Até o Crisanto, sempre comedido, quando os palpita, vai logo por eles. E com o chefe os súditos.

Aqui há dias, chego de Lisboa. Hora de jantar. Entro com a comunidade no refeitório. Principia a refeição e recebo com surpresa um apetitoso prato de pardais que o Crisanto preparara cuidadosamente.

Segue para a página QUATRO



Casa Esperança.

# O «DOCTRINA»

A medida das saídas dá-no-la o correio pelo volume das chegadas. Nesta altura a Editorial empata com a Administração do Famoso, e um dia ou outro, mesmo, chega a ultrapassá-la!

Quase todos os assinantes do livro merecem um bravo pela simplicidade com que mandam o dinheiro. Curtam o endereço que foi no livro, escrevem nele a importância que mandaram, metem num sobrescrito e pronto: Não há confusões nem queixas. Se os assinantes do Gaiato fizessem sempre assim já eu não era vítima entre dois fogos que se cruzam: queixas dos senhores, queixas dos rapazes da Administração.

Um viva pois aos assinantes da Editorial.

x x x

Mas nós não medimos o correio pelo número e menos ainda pelo numerário. Há coisas incomparavelmente mais valiosas, que nos enchem a alma pela plenitude de satisfação espiritual que Deus nos dá a graça de transmitirmos às almas dos leitores: São lendas e lendas como estas:

«Saudações e imensas prosperidades para a vossa incomparável obra são os meus mais ardentes votos. Sou um atrasado no pagamento da assinatura do «O Gaiato» e do livro «Doutrina» que o li só duma assentada.

Como este um por mês e o Gaiato torne-se diário».

«Desculpem a palavra «pagar», pois nem o real valor do livro são 20 escudos — o Evangelho não tem valor de paga — nem me considero desobrigado de breve enviar mais algum dinheiro».

«Os meus cumprimentos. Recebi o livro pedido há dias e que já está quase todo lido, o que não é de admirar, pois livros destes não se lêem, devoram-se. Seja como for tem o seu lugar de honra na minha pequena biblioteca».

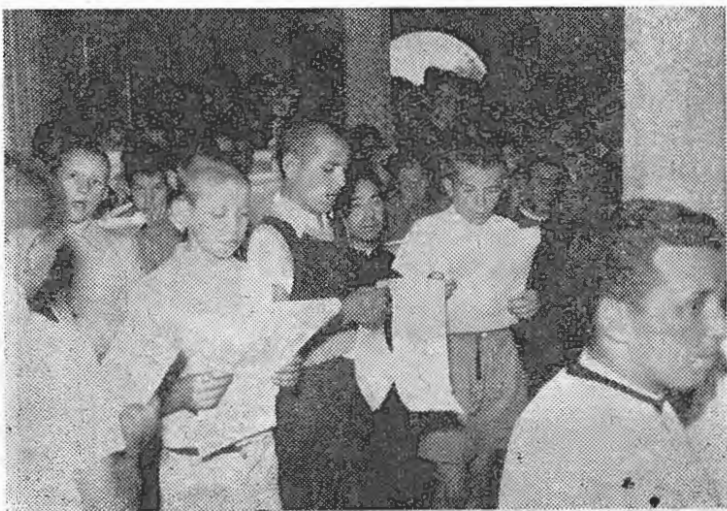
E, como se fora pouco, a confiança de um Ezequiel que aguarda ansioso a sua vez: «Aproveito a oportunidade para incluir mais 40\$00 para liquidação do livro que ainda não recebi, mas que espero me seja enviado quando chegar à letra E».

Este é o verdadeiro rendimento, que as cifras dos Bancos não representam, e que é seiva de amor a comunicar Vida.

## UMA TRADIÇÃO

Foi no dia 28 de Junho que me coube, pela graça de Deus, a vez de ir visitar os presos. Era uma das grandes devoções do Pai Américo. O dia do Sagrado Coração era na cadeia de Penafiel e à noite junto do cruzeiro da capela de Paço de Sousa, é como o esteja ainda a ver e ouvir. O que ele nos dizia, a alegria com que nos pregava o amor do próximo. Contava-nos como tinha passado aquelas horas de amor, de contacto com os pobres encarcerados.

Visado pela  
Comissão de Censura



«A Família dos Gaiatos na capela a cantar».

rados. Os conselhos nunca faltavam e lá ia mais um exemplo para que nós compreendêssemos melhor essa doutrina. Caros leitores: nem todos os seus filhos têm aproveitado as suas lições, os seus exemplos, para singrar na vida. Nesta obra não há só bons rapazes. Já nos discípulos de Cristo havia 11 bons e 1 mau. Até se costuma dizer: «No meio de doze há sempre um judas». Mas como ia dizendo: foi este ano, que me coube a vez pois que no passado dia 28, lá fui na companhia do Sr. P. Carlos e Júlio Mendes, viver aquelas horas que

faziam a alegria do nosso Pai Américo. Impelidos pelo amor, que não é senão o que por nós brota do Sagrado Coração de Jesus lá fomos, seguindo a senda traçada por Pai Américo. Às 11 horas saímos de Paço de Sousa parando no hospital da cidade para visitar um nosso socorrido que lá se encontrava doente. Após a visita fomos comprar tabaco para oferecer aos presos no fim do almoço. Chegamos às doze horas à prisão. Eram doze homens que se encontravam debaixo daquelas telhas, privados da liberdade. Como filhos do mesmo Pai sentamo-nos para almoçar e, quando todos satisfeitos, o Senhor Padre Carlos distribuiu o tabaco e disse umas palavras sobre o significado do dia e da nossa ida àquela casa. Com orações de agradecimento a Deus despedimo-nos e no regresso eu pensava: De quem será a culpa? Deles? Dos pais? Mas no meu entender somos todos um pouco culpados porque não há verdadeira caridade e não havendo, não há justiça.

Fernando Dias

Colabore  
na Campanha dos  
Cinquenta Mil

# SETUBAL

Continuação da  
terceira página

Ora, por isto direi que os pardais nem só danos causam. São ocasião propícia para um acto de reconhecimento e dedicação. Pois, por estes pequenos nada apreciamos os sentimentos de quem age. No plano da generosidade divina e humana como este em que flutua a vida destes rapazes, eles não são indiferentes aos benefícios que recebem. O reconhecimento neles é uma admirável afirmação de valores: compreensão da insuficiência própria e da magnanimidade de quem dá; sentido da justiça e da retribuição.

Este sentido da gratidão é um dos que frequentemente lhes incutimos, e que eles praticam. São muitas as vezes ao dia, em que eles oram pelos benfeitores. A recordação constante de dependência faz brotar espontânea a gratidão:

Gratidão para com Deus de quem o ser e o haver dos nossos dias; de quem o carinho comprovado da casa onde vivem.

Gratidão para com os amigos, que de longe ou de perto os acompanham e mitigam a amargura destas vidas rejeitadas.

Para os que mais directamente lidam com eles, os senhores vejam como se manifestam os gaiatos: um prato de pardais.

Padre Baptista

# O GAIATO

ANO XIV — N.º 349  
Paço de Sousa, 27/7/1957

(Espaço para endereço)

AVENÇA — QUINZENÁRIO

## Pelas Casas do Gaiato

### TOJAL

— Como sabem os senhores comemorou-se no dia 16 deste mês o primeiro aniversário da morte de Pai Américo.

Foi um verdadeiro Apóstolo de Cristo. Singular na nossa época. Ninguém como ele praticou a Caridade de Cristo Senhor Nosso. Ninguém como ele soube vivê-la. Pai Américo conseguiu ainda a eminente virtude da Caridade! O seu exemplo arreigou nos corações de muitos portugueses.

É com este pensamento que nós realizamos, amamos e mostramos o querido Pai Américo.

Como comemoramos o primeiro aniversário:

Ouve-se às sete horas da manhã o repicar de festa dos sinos da nossa igreja. Momento de admiração, 8,5h, direitinhos à Santa Missa celebrada pelo Sr. Padre Sobral.

A igreja é bastante grande e estava repleta de gente. Muita gente de fora. Sr. Padre Sobral fez uma homilia muito linda, referente à festa.

Estavam presentes muitos dos nossos rapazes ao Sagrado Banquete, assim como gente de fora.

Acabada a missa fomos para o pequeno almoço, que findou por volta das 9,30 horas dando depois entrada cada um nos seus trabalhos. O resto do dia seguiu como de costume.

Com isto termino, desejando a todos as bênçãos de Pai Américo.

Zé do Porto

### BEIRE

— Os leitores devem estar admirados de não lerem uma simples crónica desta. No passado dia 16 foi a inauguração do Calvário. Neste dia fez também um ano que partiu para o Céu o querido Pai Américo. Em Beire temos duas capelas, qual delas a mais linda! Porém, nenhuma delas tem harmonio. Precisamos que os bons leitores vão pensando no caso. Quem chega primeiro? Temos cá uma fé!...

Cá estamos em casa sózinhos com uma velhinha da freguesia enquanto a nossa senhora não vem, está no Porto. Vem cá uma vez por semana, quando vai daqui para lá, leva tudo quanto há. São cestos de frangos, ovos, flores...

Quando vem de lá são cestos e sacos vazios. Eu andei atrás da senhora para me comprar uma harmonica. Trouxe-me uma, mas, leitores, muito pequena. Media para quando cá vierem me trazerem uma maior. Está bem?

Aqui vão os cumprimentos de todos e do amigo

ZÉQUITA

### PAÇO DE SOUSA

— Desporto. Mais uma grande partida de futebol disputada no nosso parque de jogos. Desta vez foi nosso adversário o Sporting Clube de Fafe, de grandes tradições no desporto português.

Apresentamos a seguinte constituição: Jorge, Roque, Augusto e Carvalho; Quim I e Daniel; Dina, Serafim (depois Rui), Oscar, C.º Pereira e Gaia (depois Serafim).

Não podemos informar verdadeiramente como alinhou o nosso adversário, mas podemos garantir que veio no máximo da sua força. Nelo, Nelito, Fernando Barros, Elói, Rates, David, etc. O nosso grupo tem enveredado pelo melhor caminho e pode gabar-se de possuir um conjunto de apreciáveis recursos. E muito mais virá a ter se todos continuarem a trabalhar com vontade.

Esta partida foi muito bem disputada, tendo na primeira metade da par-

tida praticado futebol do bom. Muita genica, vontade, garra, uma equipiente do que está a fazer, com grande personalidade.

Os primeiros quarenta e cinco minutos foram nossos. Não atraçamos a verdade ao dizermos que praticamos melhor futebol do que o forte conjunto minhoto. Chegamos a usufruir da vantagem de dois tentos, tendo o sportingista empatado na parte final. Até esta altura o resultado não condiz, não fala com verdade o que na realidade foi este primeiro tempo. O Sporting de Fafe aproveitou bem as ocasiões, enquanto que nós desperdiçamos ocasiões soberanas de aumentar o score.

Reatamos a partida com um gol de bonito efeito logo de entrada, colocando-nos em vantagem no marcador. O Jogo ganha animação. Joga-se com energia de parte a parte. Mas à medida que nos aproximávamos do término, o Sporting de Fafe ia carregando no acelerador e nós fomos ficando para trás. No último quarto de hora veio a ganhar a partida por 5 bolas a 3.

DANIEL

## UMA CARTA

«Querido Padre Carlos:

Faço sinceros desejos que esta carta o encontre de perfeita saúde, na companhia de todos os meus irmãos, velhos e novos; eu fico bem, graças a Deus.

Tardei com as minhas notícias, mas nunca esqueci o caminho que trouxe comigo, Deus é testemunha.

O momento é de alegria, por isso não aponto as tristezas que a vida sempre nos dá, de tudo existe quando se caminha neste labirinto. Graças a Deus que o momento é de alegria, por isso a compartilho com aqueles que falam e sentem a minha linguagem.

Sim. Peço que seja voz no nosso mundo, que este irmão em África, vai casar-se no próximo dia 29 de Junho, e vai constituir mais um lar cristão; por tudo eu dou graças a Deus.

Outro caminho me espera, para ele me dedicarei com toda a minha alma.

Peço que na nossa capela peça ao Sagrado Coração de Jesus, interceda sempre na minha vida e dos meus no futuro.

Saudades a todos sem referências, deste irmão que jamais esquece o seu destino.

ANTÓNIO PRATA»